

DA GUERRA MUNDIAL CIBERNÉTICA À GUERRA CIVIL CIBERNÉTICA¹²

Gabriel A. Mendez Hincapié³

Este ensaio vai tentar explicar um fenômeno emergente no espaço das relações políticas: a 'guerra mundial cibernética'. Primeiro, vou definir os termos que vou usar ao longo do texto. A continuação, vou aplicar tais conceitos ao contexto do fenômeno indicado e depois vou tentar fazer uma interpretação original do mesmo, concluindo com um olhar prospectivo na sua possível transformação em uma 'guerra civil cibernética'.

1. Rumo à Guerra Mundial Cibernética

Para fazer e mover coisas se precisa de energia. A revolução industrial multiplicou exponencialmente a energia disponível da sociedade humana por meio de máquinas de todo tipo. No entanto, estas máquinas precisavam do monitoramento e controle humano para cumprir com seus fins. Existem três *tipos ideais* de máquinas: as que transformam matéria de um tipo em matéria de outro tipo; as que transformam a energia de um tipo para outro; e as máquinas que transformam informação. Dentre estas últimas está a "cibernética". Neste sentido, a Internet pode ser vista como uma imensa máquina cibernética espalhada por todo o planeta com o potencial de conectar a todos os seres humanos em tempo real (trata-se do embrião de uma sociedade civil global).

Agora mesmo está desenvolvendo-se o próximo salto evolutivo: a Internet das Coisas (*IoT*, por sua sigla em Inglês) que, como pode ser deduzido a partir do seu nome, vai permitir conectar todas as coisas entre si e com os seres humanos. O anterior implica que em breve as coisas vão possuir, do mesmo jeito que as máquinas cibernéticas de hoje, um certo grau de 'inteligência' - que para algumas funções específicas será igual ou superior do que a humana (por exemplo, capturar, gravar e transmitir informações).

¹ Traduzido por Juan Carlos Vinasco e revisado por Rafael Tostes, ambos do Centro de Tradução da Universidade Autónoma de Manizales.

² O autor gostaria de expressar sua sincera gratidão a Juan Carlos Vinasco por traduzir este manuscrito e a Rafael Tostes por revisá-lo. Eles trabalham no Centro de Tradução da Universidade Autónoma de Manizales.

³ Doutor em Ciência Política pela Universidade Complutense de Madrid. Professor da Universidade Autónoma de Manizales.

Assim, surge diante de nossos olhos o que Karl Marx antecipou sob o termo 'cérebro social': Desde os tempos antigos as coisas e os seres humanos formaram um sistema único, a sociedade humana, ensamblada em um único objeto sócio-técnico, o Actor-Red, no sentido de Bruno Latour & Michael Callon⁴ onde os seres humanos colocavam os desejos e a inteligência enquanto as coisas a energia e a matéria transformada. No entanto, umas e outros não 'falam' entre si. Mas agora, uma ruptura silenciosa começou quando as coisas começaram a adquirir vários graus de 'inteligência'.

Esta ruptura foi antecipada por Marx no famoso *fragmento das Máquinas* (1857): “A acumulação de conhecimentos e as competências das forças produtivas gerais do cérebro social, [são] absorvidas assim dentro do capital” (Marx, 1980, p. 220).

Neste fragmento (Cadernos VI-VII dos Grundrisse), o filósofo alemão antecipou sob a denominação 'intelecto geral' ou 'cérebro social', o processo pelo qual o capital vai subsumindo, como um vampiro os conhecimentos e habilidades extraídos dos trabalhadores na *forma* de luta de classes. Esta extração tem conformado a história do *real*, isto é: "o material traduzido e transposto no cérebro humano"⁵. A concepção marxista do cérebro social permite-nos derivar uma teoria do conhecimento (epistemologia) da teoria do valor: o cérebro é social⁶.

Hoje, a privatização do *Big Data* ou cérebro social é o que explica que as estrelas da mídia do Silicon Valley dominem o mundo. Nas palavras de Slavoj Žižek (2012):

Como Bill Gates conseguiu ser o homem mais rico dos Estados Unidos? Sua riqueza não tem nada a ver com a produção de um bom software pela Microsoft a preços inferiores aos dos seus concorrentes, ou por causa do 'aproveitamento' de seus trabalhadores melhor sucedidos (Microsoft paga a seus trabalhadores intelectuais um salário relativamente alto). Milhões de pessoas continuam comprando o software de Microsoft porque tem emergido como uma regra quase universal, praticamente monopolizaram o campo, de uma realização do que Marx chamou de 'intelecto geral', que se refere ao conhecimento coletivo em todas as suas formas, desde a ciência até o conhecimento prático. Bill Gates privatizou parte do intelecto geral e tornou-se rico através da apropriação da renda que se seguiu.

Quando tal privatização atinge seus estágios finais, o capital vai precisar de pouquíssima quantidade de trabalho vivo para sua reprodução. Para esse ponto, se não houver uma intervenção do Estado, o risco vai ser que a maioria dos trabalhadores vão ser jogados ao inferno do desemprego e da precariedade. No entanto, ao ser feito deste jeito, o capital terá minado sob seus pés seu próprio solo, a mais-valia, já que este só pode ser criado pelo trabalho vivo. Em

⁴ Cf. CALLON, 2001.

⁵ MARX, [s.d].

⁶ Cf. CHARCHEDI, 2014.

palavras de Marx (1980, p. 222): “O capital trabalha assim, em favor de sua própria dissolução como forma dominante da produção”.

Mais recentemente, Stephen Hawking, o famoso astrofísico britânico, chamou nossa atenção sobre o mesmo fenômeno:

Se as máquinas produzem tudo o que precisamos, o resultado vai depender de *como sejam distribuídas as coisas produzidas pelas máquinas*. Todo o mundo poderá desfrutar de uma vida de lazer, se a riqueza produzida pelas máquinas é compartilhada, ou a maioria das pessoas pode acabar sendo miseravelmente pobre *se os proprietários das máquinas se opõem com sucesso contra a redistribuição da riqueza*. Até agora, a tendência parece virar para a segunda opção, com a tecnologia provocando cada vez mais desigualdade (HAWKING, 2015, grifo nosso).

Se a previsão de Hawking é real, chegaremos a uma situação na que o produto inteiro será produzido praticamente utilizando apenas máquinas e talvez uma pequena quantidade de trabalho vivo. Porém:

Não é isso, em certo sentido, muito semelhante a tal processo, observado por Marx, de crescimento da composição orgânica do capital, o que levaria à eutanásia do capitalismo (para usar o termo de Keynes num marco marxista)? (Milanovic, 2015).

Segundo Bruno Milanovic, ex-economista-chefe do Banco Mundial, em Marx o suposto é que o processo de valorização envolve a intensificação do capital, referente ao trabalho vivo. Assim os capitalistas tendem a acumular mais e mais capital e a eliminar mais tempo de trabalho vivo por unidade de produto. Isso, num marco marxista, significa que cada vez há menos necessidade de horas de trabalho remunerado e que estas, obviamente, vão gerar menos mais-valia, e essa mais-valia excedente é cada vez menor em relação a uma acumulação crescente de capitais o que significa que a taxa de quedas de lucro desce até o limite de zero.

Como a robotização vai afetar ao capitalismo? Karl Marx nos dá algumas chaves. Como ele escreveu, cada capitalista individual está obrigado pelas leis de ferro do mercado a investir em processos mais intensivos em capital, a fim de ser mais competitivo do que os outros capitalistas, mas quando todos fazem o mesmo, desconsiderando contra-tendências, a taxa de lucro cai para todos. Portanto, a longo prazo o que os capitalistas fazem, afinal de contas, é "sair do negócio", ou mais precisamente, avançar para uma taxa zero de lucro.

Em qualquer caso, o trabalho vivo será substituído por máquinas a um grau extremo, de modo que a maior parte da produção será realizada por robôs. O emprego será insignificante. Em Marx, o desequilíbrio político último -ou crise terminal-, ocorreria entre um enorme "exército de

reserva de desempregados" e uma fina camada de capitalistas e empregados bem-sucedidos. Para visualizar este desequilíbrio, Milanovic (2015) convida-nos a

Imaginar milhares de robôs trabalhando em uma fábrica e um só trabalhador controlando-os, sendo um ano, a vida útil dos robôs: isso significa que temos de substituir continuamente os robôs, ou seja enormes custos anuais de depreciação e reinvestimento. A composição do PIB seria muito interessante. Se o PIB total é de 100, poderíamos ter um consumo = 5, investimento líquido = 5 e uma depreciação = 90. Moraríamos num país com um PIB per capita de US \$ 500.000, mas US \$ 450.000 seriam de depreciação.

Suponhamos que as máquinas agora são propriedade dos perdedores do sistema, depois de uma Guerra Civil Cibernética, semelhante à que recria o filme *V for Vendetta*. Então teríamos as mesmas enormes fábricas cheias de robôs, mas todos os rendimentos líquidos seriam propriedade dos excluídos e eles usariam essa renda para ter uma vida de muito lazer, com jornadas de trabalho reduzidas ou mesmo inexistentes, olhando telas e jogando com jogos divertidos em seus computadores.

No entanto, qual seria a ideologia desses novos ciber-proletários? Seria um rejuvenescido 'fetichismo digitalizado' ou o 'reino da liberdade', como Marx teorizou? Nas palavras de Ricardo Sanín (2016, p.116):

As maravilhosas máquinas de alta tecnologia e comunicação estão programadas em linguagens altamente sofisticados e ambientes extremamente elitistas que servem ao poder para estender o domínio do capital da melhor maneira. Embora estejamos inevitavelmente ligados a uma rede que sempre estende a informação, como se fosse o Intelecto Geral, a imagem cultural da máquina permanece criptografada: seus fluxos e comandos continuam dependentes da fome do mercado e seu principal intelecto ainda segue sendo material muito escasso. Portanto, a informação pode se tornar democrática somente quando a máquina - em um ponto de absorção do conhecimento ao poder - seja descriptografada e politicamente livre.

"Máquinas maravilhosas" que, apesar de englobar uma grande promessa de emancipação humana, ainda continuam replicando em seus "fluxos e comandos" as mesmas baixezas morais: o racismo, o sexismo, o imperialismo, o capitalismo, da matriz política que lhes deu vida: *Colonialidade Globalizada*.

2. Um caminho digital para o comunismo

Até agora, as sociedades ciberneticamente mais desenvolvidas do mundo: Estónia, Cingapura e Israel, são (1) demograficamente pequenas e politicamente homogêneas; (2) possuem estados policiais muito fortes; e (3) a educação elitista é uma prioridade para o Estado e a

sociedade. Além disso, trata-se de sociedades que curiosamente estão longe de Califórnia: removendo esse mito idiota que "tudo é inventado por Silicon Valley".⁷

Mas agora estamos diante de um ponto de fuga. Numa nova fase da atual Guerra Cibernética Mundial (uma reedição- em formato digital- da Guerra Fria entre Leste e Oeste), Vladimir Putin anunciou no início de junho de 2017, no Fórum Internacional Econômico de São Petersburgo, um programa político qualitativamente novo que, a julgar pelos discursos, vai estar baseado na plena "digitalização" da sociedade e da economia russa que pensam extrair de suas formidáveis "escolas de matemáticos e físicos". Nesse fórum, Putin e seus ministros anunciaram uma aliança com Ethereum, um sistema descentralizado de serviços de Internet, baseado na tecnologia *blockchain* -a tecnologia que está na base das criptomoedas, a qual consiste de nós interconectados de informação encriptada e distribuída por todo o mundo e que funcionam como banco de dados e cópias de segurança. De acordo com informações do Kremlin, o presidente Putin se reuniu com o fundador de Ethereum, Vitalik Buterin, um programador de 23, nascido na Rússia em uma família que emigrou para o Canadá. Putin apoiou as ideias de Buterin e ordenou estabelecer contatos de trabalho com potenciais sócios russos. Segundo o comunicado de imprensa do "*El País*" sobre a reunião:

Putin está "totalmente apaixonado" pela digitalização da economia e as novas tecnologias, de acordo com o vice-primeiro-ministro Igor Shuválov. Ele disse que o presidente reuniu um pequeno grupo de funcionários da administração e do governo para discutir estas questões e apenas os "deixou ir", após "uma da madrugada." Em São Petersburgo, Putin descreveu as linhas básicas do programa de digitalização que o Governo fez a seu pedido. Entre as metas está a "alfabetização digital geral" com "programas educacionais para pessoas de diversas idades" e uma base "normativa nova e ágil para introduzir as tecnologias digitais em todos os campos" tendo em conta "a segurança informática do estado, das empresas e dos cidadãos". Putin anunciou medidas "para aumentar a nossa superioridade intelectual e tecnológica no campo da economia digital." Em sua opinião, as "estupendas escolas no campo da matemática e da física teórica" permitem que a Rússia "consiga atingir a liderança em diferentes direções da chamada nova economia, especialmente digital." A economia digital não é um ramo mais, senão "a base para a criação de um novo modelo qualitativo de negócios, comércio, logística, produção, que muda o formato da educação, a saúde, a direção do Estado, a comunicação entre as pessoas e, portanto, cria um novo paradigma de desenvolvimento do estado, economia e sociedade, "Putin argumentou. (Bonet, 2017).

⁷ Curiosamente, o precedente do *Big Data* como tecnologia política se encontra nos anos 70, e num país do sul global (cf. MEDINA, 2013).

Será que a estratégia de Putin, não implica a possibilidade de que estamos às portas do que Alain Badiou formulou como o 'Acontecimento': uma intervenção que não se pode explicar com base em suas "condições objetivas" pré-existentes? Com a tecnologia blockchain posta em cena, a riqueza das sociedades não somente está se transformando *de* uma "imensa acumulação de mercadorias" (Marx) a uma sinapse planetária imenso, senão que por causa de sua estrutura matemática revolucionária⁸, poderia alterar as geometrias tradicionais do poder global.

Então, que aconteceria se no futuro próximo a Rússia, China e Índia *conseguem copiar com sucesso* a digitalização da Estônia, Cingapura e do Israel? Claramente, esta é uma intensificação da Guerra Mundial Cibernética contra as potências ocidentais. No entanto, ao ser todos estados policiais e capitalistas - com suas opacas e corruptas oligarquias instaladas corretamente nos postos de comando da economia e da administração - , o desafio dos hacktivistas - tanto do Oriente como do Ocidente, do Norte como do sul - vai ser transformar essa Guerra Mundial Cibernética numa Guerra Civil Cibernética, socializando os bancos de dados⁹, ou seja, descriptografando o *Big Data* e todo o *poder* de sua inteligência artificial coletiva, para libertá-la de seus atuais 'sequestradores' tanto estatais (Estados Unidos, União Europeia, Rússia, China, etc.) como privados (Google, Facebook, Netflix, Microsoft, Apple, etc) -.

2. Referências Bibliográficas:

BONET, P. El abuelo Vladimir Putin se digitaliza. **El País**, 10 jun. 2017, Madrid. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2017/06/10/actualidad/1497105519_576887.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

CALLON, M. Redes Tecno-económicas e irreversibilidad. **Redes**, Buenos Aires, v. 8, n. 17, p. 85-126.

CHARCHEDI, G. Old wine , new bottles and the Internet. **Work Organization, Labour & Globalization**, v. 8, n. 1, 2014.

HAWKING, Steven. AMA Science AMA Series: Stephen Hawking AMA Answers! **The New Reddit Journal of Science**. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/science/comments/3nyn5i/science_ama_series_stephen_hawking_ama_answers/cvsdmkv/>.

⁸ Cf. NAKAMOTO, [s. d.].

⁹ Cf. MOROZOV, 2015, p. 47-70.

MARX, Karl. Afterword to the Second German Edition. In: MARX, Karl. **Capital**. Vol. 1. [s. l.]: Marxists.org, [s. d.]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/Capital-Volume-I.pdf>>.

_____. **Elementos fundamentales para la crítica de la economía-política (Grundrisse) 1857-1858**. Vol. 2. México: Siglo XXI, 1980.

MEDINA, E. **Revolucionarios cibernéticos: Tecnología y política en el Chile de Allende**. Santiago de Chile. LOM: Editions, 2013.

MILANOVIC, Bruno. The Rule of Robots in Stiglitz and Marx. **Social Europe Newsletter**. Disponível em: <<https://www.socialeurope.eu/2015/04/the-rule-of-robots-in-stiglitz-and-marx>>.

MOROZOV, E. ¡Socializad los centros de datos! **New Left Review**, março-abril, 2015, n. 91, p. 47-70.

NAKAMOTO, Satoshi. Bitcoin: A Peer-to-Peer Electronic Cash System. **Bitcoin.org**, [s.l], [s.d]. Disponível em: <<https://bitcoin.org/bitcoin.pdf>>.

ŽIŽEK, S. The Revolt of the Salaried Bourgeoisie. **London Review of Books**, v. 34, n. 2, 26 jan. 2012, p. 9-10. Acesso em: <<https://www.lrb.co.uk/v34/n02/slavoj-zizek/the-revolt-of-the-salaried-bourgeoisie>>.